

SBC

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO



REVISTA DE INFORMAÇÃO

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Sindicato dos Bancários do Centro
Av. Fernão de Magalhães, 476
3001-958 Coimbra
www.sibace.pt
Tel.: 239854880 Fax: 239854889
informacao@sibace.pt

DIRECTOR

Luis Filipe Ardérius

ASSISTENTE EDITORIAL

Costa Brites

CONSELHO EDITORIAL

Aníbal Ribeiro
Carlos Silva
Francisco Carapinha
Freitas Simões

FOTOGRAFIA

SBC

COLABORADORES

A. Castelo Branco
António Tejo
Carlos Silva
Costa Brites
Fava Abreu
J. Freitas Simões
Paulino Mota Tavares
Pedro Malta
Sequeira Mendes

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Sub Verso - Design Gráfico e Conteúdos
Lda.

Rua Dr. Francisco Fernandes Costa,
Lota 22, Loja P
3200-265 Lousã

Tel.: 239 992 646

DEPÓSITO LEGAL

260437/07

TIRAGEM BIMESTRAL

6 300 exemplares

Distribuição gratuita aos associados

NÚMERO TRÊS
JANEIRO/FEVEREIRO
2008

**O SINDICALISMO NA ORDEM DO DIA:
REFORÇO DA SINDICALIZAÇÃO,
UMA TAREFA PRINCIPAL**

(pág. 6)

AINDA A CONSTITUIÇÃO DA **febase**

Federação do Sector Financeiro

(pág. 7)

**COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS:
PARTICIPAÇÕES DO SBC**

(págs. 8 a 13)

**CALDAS DA RAÍNHA:
O "JARDIM DA ÁGUA" E A OBRA
ARTÍSTICA DE FERREIRA DA SILVA**

(pág. 23)



COIMBRA

Av. Fernão de Magalhães, 476 Apartado 404
3001-958 COIMBRA
Tel.: 239854880; Fax: 239854889

DEPARTAMENTO TEMPOS LIVRES

DEP. E GAB. DE APOIO AOS TEMPOS LIVRES
Av. Fernão de Magalhães, 476 Apartado 404
3001-958 COIMBRA
Tel.: 239854880; Fax: 239854886;
tempos.livres@sibace.pt

GAB. DO DESPORTO/CLUBE DO BANCÁRIO
Rua Lourenço Almeida Azevedo, 17
3000-250 COIMBRA
Tel.: 239852340; Fax: 239852349
desporto@sibace.pt

SECRETARIADO REGIONAL DE COIMBRA
Tel./Fax: 239821935

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES FEMININA
Rua do Corpo de Deus, 42 A - 3º Tel.: 239821657

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES MASCULINA
Rua dos Coutinhos, 34 - 1º Tel.: 239828233



CALDAS DA RAINHA

Rua da Caridade, 17 - 1º Dtº
500-141 CALDAS DA RAINHA

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 262840020
Fax: 262840029



FIGUEIRA DA FOZ

Rua da Guiné, 57
3080-034 FIGUEIRA DA FOZ

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 233407310
Fax: 233407319



GUARDA

Lg. de S. Francisco, 6º Piso - 1º B
6300-754 GUARDA

SECRETARIADO REGIONAL DA GUARDA

Tel.: 271222016

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 271220450
Fax: 271220455



LEIRIA

Rua Dr. José Henrique Vareda, 27 - 1º
2410-122 LEIRIA

SECRETARIADO REGIONAL DE LEIRIA

Tel.: 244822743

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 244820080/90
Fax: 244820091



UISEU

Rua Nossa Senhora de Fátima, 11
3510-094 UISEU

SECRETARIADO REGIONAL DE UISEU

Tel.: 232425033

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 232430670
Fax: 232430679

Destaques

EDITORIAL PAG. 4

“As entidades reguladoras do nosso sistema financeiro deviam, para além da autoridade e do enunciado dos poderes que oficialmente lhes incumbem, demonstrar capacidades de actuação e de previsão ao nível desse mesmo sistema [...]”

MENSAGEM DO PRESIDENTE PAG. 5

“Esperamos que as expectativas para 2008 criadas pelos resultados dos Bancos não defraudem a classe e representem uma justa repartição do resultado do trabalho e do brio de milhares de bancários [...]”

O SINDICALISMO NA ORDEM DO DIA PAG. 6

- “Reforço da Sindicalização, uma tarefa principal”

AINDA A FEDERAÇÃO DO SECTOR FINANCEIRO PAG. 7

“Nunca é demais recordar aquele dia 6 de Dezembro de 2007[...]”

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS – PARTICIPAÇÕES DO SBC PAGES. 8 A 13

- “O Sindicalismo Português e a Nova Questão: Crise, Consolidação ou Renovação”
- “Contratação Colectiva – Estratégia para a Europa”
- “Igualdade de Oportunidades no Trabalho”
- “Os Desafios do Desenvolvimento: As Dinâmicas Sociais e o Sindicalismo”
- “Paraísos Fiscais, Desregulamentação e Infernos Sociais”

A OBRA ARTÍSTICA DE FERREIRA DA SILVA PAG. 23

Índice

EDITORIAL PAG. 4

MENSAGEM DO PRESIDENTE PAG. 5

SINDICAL PAG. 6 e 7

- Reforço Da Sindicalização, Uma Tarefa Principal
- Ainda A Federação Do Sector Financeiro

ACÇÕES E PARTICIPAÇÕES PAG. 8 A 13

- O Sindicalismo Português e a Nova Questão: Crise, Consolidação ou Renovação?
- Contratação Colectiva - Estratégia Para a Europa
- Igualdade De Oportunidades No Trabalho
- Os Desafios Do Desenvolvimento: As Dinâmicas Sociais E O Sindicalismo
- Paraísos Fiscais, Desregulamentação E Infernos Sociais

ENTRE NÓS PAG. 14

- O Esmagamento Das Classes Médias: Uma “Modernização” Inevitável?...

ESTE NOSSO MUNDO PAG. 15

- Diz Que É Uma Espécie De Magazine? Não, É Uma Autêntica Lei Da Selva.

OPINIÃO PAG. 16 E 17

- Os Sindicatos
- Zangam-se As Comadres...

SAÚDE PAG. 18

- O Tabaco É Um Tema Reconhecido

SAMS PAG. 19

- Irs – Declaração Anual De Despesas De Saúde
- Informação Sobre Despesas De Saúde

FESTA DE NATAL PAG. 22

- Festa de Natal dos Trabalhadores do SBC

DESPORTO PAG. 20 e 21

- IX Torneio Nacional De Futsal
- XXV Torneio Nacional De Ténis

A OUTRA FACE PAG. 22

- Paulino Mota Tavares

CULTURA NA CIDADE PAG. 23

- O “Jardim Da Água” Nas Caldas Da Rainha
- E A Obra Artística De Ferreira Da Silva

FICHA TÉCNICA

Propriedade

Sindicato dos Bancários do Centro
Av. Fernão de Magalhães, 476
3001-958 Coimbra
www.sibace.pt

Tel.: 239854880 Fax: 239854889
informacao@sibace.pt

Director

Luis Filipe Ardérius

Assistente Editorial

Costa Brites

Conselho Editorial

Aníbal Ribeiro
Carlos Silva
Francisco Carapinha
Freitas Simões

Fotografia

SBC

Colaboradores

A. Castelo Branco
António Tejo
Carlos Silva
Costa Brites
Fava Abreu
J. Freitas Simões
Paulino Mota Tavares
Pedro Malta
Sequeira Mendes

Composição Gráfica

Sub Verso - Design Gráfico e Conteúdos Lda.

Rua Dr. Francisco Fernandes Costa,
Lota 22, Loja P
3200-265 Lousã

Tel.: 239 992 646

Depósito Legal

260437/07

Tiragem Bimestral

6 300 exemplares

Distribuição gratuita aos associados

NOTA: Os temas artísticos usados ao longo de toda esta **REVISTA DE INFORMAÇÃO** são captações ou adaptações de obras da autoria de Mestre Ferreira da Silva.



SBC
SINDICATO DOS
BANCÁRIOS DO CENTRO



EDITORIAL

luis.ardერიus@sibace.pt

*“Acusam-me de mágoa e desalento,
como se toda a pena dos meus versos
não fosse carne vossa, homens dispersos,
e a minha dor a tua, pensamento!”*

Carlos de Oliveira - Colheita Perdida

As entidades reguladoras do nosso sistema financeiro deviam, para além da autoridade e do enunciado dos poderes que oficialmente lhes incumbem, demonstrar capacidades de actuação e de previsão ao nível desse mesmo sistema, por ser condicionante fundamental da nossa economia, factor estruturante de toda a nossa sociedade.

Nelas não se tem observado, infelizmente, a necessária capacidade de esclarecer e projectar situações que nos interessam, demonstrando incapacidade – ou indisponibilidade – para esclarecer processos manifestamente inquinados pela maior falta de transparência.

A lenta e indefinida progressão das investigações que são anunciadas para remediar (e nunca corrigir) tal estado de coisas, são um grave sintoma da falta de credibilidade de tais entidades de regulação, pela nítida carência das acções de saneamento efectivo e público que seriam de exigir.

A QUEM APROVEITAM AS DISPUTAS DA ALTA FINANÇA?

Após a encenação das secretas digladições entre poderosos administradores, respectivos grupos financeiros e investidores multimilionários, e da sua exploração mediática em prejuízo duma adequada informação crítica, qual é o quociente de tais disputas que cabe a depositantes, clientes, pequenos accionistas e povo português em geral?

As escandalosas indemnizações e remunerações que se sucederam e o conhecimento de variados exemplos de estratégias de ilegalidade e oportunismo, não deixam margem para dúvidas.

Veja-se o caso de um colaborador do BCP, doze anos seu funcionário, dois como presidente, que recebeu de indemnização 10 milhões de euros, ficando a auferir mais de 40.000 por mês de reforma, quando a maior parte dos bancários – após mais de 30 anos de actividade – saem sem qualquer indemnização e com pensões da ordem dos 1.000 euros mensais.

O Presidente da República, na Mensagem de Ano Novo, reflectiu preocupações com as desigualdades, referindo os altos salários dos gestores, razão comprovada pelo relatório da “Mercer Consulting”, demonstrando que, em média, os dirigentes das empresas ganham 30 vezes mais do que os trabalhadores.

Falando nessa mensagem serão certamente de destacar as referências feitas às vantagens do aprofundamento do diálogo” entre os agentes políticos” e entre os “poderes públicos e os grupos e parceiros sociais”, tendo em vista reduzir a conflitualidade e as tensões, de forma a “criar uma envolvente mais favorável ao desenvolvimento do país”.

Também Mário Soares, num artigo publicado no diário espanhol El País, considera que “as desigualdades sociais são cada vez mais profundas, tanto nos países ricos como nos pobres”, o que pode justificar a “crispação” e “importantes revoltas” populares numa altura em que o neoliberalismo “está em vias de esgotamento”.

Não deixa de ser curiosamente emblemático do nosso sistema de poderes e da sua resultante social, observar que estes dois moderados opinantes foram ambos titulares dos mais altos cargos do poder político e económico que houve no nosso país, durante praticamente três décadas.

Os temas atrás abordados fazem parte das preocupações dos nossos concidadãos, e isso reflecte-se, em clima de pluralismo, em vários conteúdos deste número da **REVISTA DE INFORMAÇÃO**, que se encontra valorizado com grafismos e temas derivados de expoentes artísticos pertencentes à área do nosso sindicato. Tendência que pretendemos alargar e enriquecer, sempre que possível.

ANO NOVO, VIDA NOVA?

No fim de cada ano e no começo do outro sempre se insinua, na derrocada das nossas esperanças, um tênue fio de luz. Apesar de tudo, acreditamos que as coisas irão melhorar.

Com rigor, porém, pensamos que seria bom que a felicidade fosse possível.

Que tão poucos não tivessem tanto, e tantos não tivessem tão pouco.

Que a necessidade de verdade se transformasse numa urgência diária.

Que a sinceridade constituísse a vontade de se ser verdadeiro.

Que a vida não se traduzisse numa infusão de falsos valores e de promessas de eternidade duvidosa, mas sim que o conhecimento tivesse a conformidade das exigências sociais e éticas. ✎

(Luis Filipe Ardérius)



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO

carlos.silva@sibace.pt

Esperamos que as expectativas para 2008 criadas pelos resultados dos Bancos não defraudem a classe e representem uma justa repartição do resultado do trabalho e do brio de milhares de bancários ao serviço das suas empresas.

Mais um processo de negociações se iniciou em Novembro de 2007, com vista a obter uma Tabela Salarial para 2008 que expresse, de forma convincente, os enormes ganhos de produtividade e crescimento do sector bancário português, o mais lucrativo da actividade económica nacional e, de acordo com estudos recentemente publicados, também a nível internacional.

Das 100 maiores economias do mundo (incluindo países) constata-se que mais de metade são empresas multinacionais, que no cômputo dos seus resultados têm lucros superiores ao PIB da esmagadora maioria das nações do planeta. Sendo ainda de realçar que uma parte significativa dessas multinacionais são do sector financeiro.

Os resultados dos Bancos portugueses foram publicados ao longo da segunda quinzena de Janeiro e exprimem, uma vez mais, um crescimento dos lucros de forma avassaladora – veja-se o BES com 44% em 2007, o BBVA com 29% e o BPI com uns modestos 15%.

Mas com base argumentativa na crise do sub-prime norte-americano, geradora dos piores receios de recessão da principal economia mundial, os nossos banqueiros esgrimem preocupações que só têm um objectivo – justificar os diminutos aumentos salariais para 2008 porque “vai ser um ano terrível”.

Então e nos anos anteriores? Quando os resultados se mantiveram em altos índices de crescimento e a maximização dos lucros atingiu valores recorde? Não encontraram sempre motivos exógenos e endógenos para justificar aumentos reduzidos?

Assistimos incrédulos às indemnizações pagas no sector àqueles que, por razões

diversas, abandonam os seus cargos de gestores e passam a receber e auferir reformas e compensações milionárias que indignam o comum dos cidadãos. Veja-se o caso BCP e os vencimentos dos seus administradores. Não é caso para indignação?

Os trabalhadores bancários portugueses não contribuem com o seu esforço para as performances dos Bancos? Será que não merecem partilhar uma parcela, ainda que exígua, da riqueza obtida?

E quanto aos reformados bancários, que vêem minorados os valores efectivamente recebidos nas suas pensões de reforma, ainda que por decisão normativa fiscal? Não haverá forma de os compensar dessa injustiça?

A resposta recebida dos banqueiros é simbólica da mentalidade que pulula no tecido empresarial português – “queixem-se ao Governo nas próximas eleições legislativas em 2009”. Esquecem que no início dos anos 90 assumiram, sem tergiversações, à mesa das negociações, que os bancários receberiam na reforma valor idêntico ao que auferiam no activo.

Mal dos sindicatos quando não passaram a escrito esse compromisso. A boa-fé negocial é apanágio daqueles que aceitam compromissos com base na palavra dos seus interlocutores.

Enfrentamos neste momento três desafios:

- conseguir uma Tabela Salarial de valores similares aos de 2007;
- encontrar uma solução negociada para os Reformados;
- resolver o problema da Segurança Social dos actuais e dos futuros bancários.

São matérias que nos mobilizam no quadro externo. Mas outras internas existem que,

neste início de 2008, obrigam a Direcção do SBC a redobrados esforços – definir a estratégia para o terreno de Quiaios; preparar a Revisão dos Estatutos, nela incluindo soluções que consagrem maior protagonismo dos reformados, limitem os mandatos dos dirigentes sindicais e permitam reforçar a sindicalização em algumas IC's como a CGD.

Também a Federação do Sector Financeiro irá estar no centro das nossas atenções. Sem esquecer que a negociação colectiva é prioritária nas nossas preocupações com a desmultiplicação de mais mesas negociais – BANIF, Banco Mais, Deutsche Bank, etc.

A determinação desta equipa directiva em servir o SBC e os seus associados de forma digna e empenhada mantém-se em índices elevados.

Esperamos que as expectativas para 2008 criadas pelos resultados dos Bancos não defraudem a classe e representem uma justa repartição do resultado do trabalho e do brio de milhares de bancários ao serviço das suas empresas. ✎

(Carlos Silva)



REFORÇO DA SINDICALIZAÇÃO, UMA TAREFA PRINCIPAL

Numa verdadeira e constante campanha de visitas a balcões da nossa área sindical que teve início logo após a tomada de posse dos actuais Corpos Gerentes – e que se irá manter durante todo o actual mandato – uma equipa de elementos da estrutura sindical, incluindo membros da Direcção, da MAG, do CG/SAMS, dos Secretariados Regionais e dos Secretariados de Empresa de alguns Bancos, visitou, nas últimas semanas, balcões do norte do distrito de Viseu, do concelho de Cantanhede e do distrito de Leiria.

O objectivo é manter uma relação de proximidade e de apoio aos Colegas, informando-os dos últimos desenvolvimentos sindicais, esclarecendo-os relativamente às dúvidas que tenham e continuar, naturalmente, a promover a Sindicalização no SBC.

Já nas semanas anteriores haviam sido visitados vários Balcões dos diversos distritos, em muitos dos quais foi possível reforçar a sindicalização de forma considerável, quer através da inscrição de trabalhadores ainda não sindicalizados, alguns já antes beneficiários do SAMS, e outros ainda

desiludidos com a sua anterior inscrição no Sindicato dos Quadros e do SIB, que efectuaram a sua reinserção no nosso sindicato.

Quanto mais formos, maior será o nosso poder reivindicativo e a consequente capacidade de introduzir melhorias nos SAMS, para que a sua qualidade tenha uma prestação cada vez mais consentânea com as necessidades dos nossos associados e familiares.

Esperamos e desejamos que nas visitas aos locais de trabalho os colegas aproveitem para colocar dúvidas e apresentar sugestões que entendam pertinentes, tendo em vista a melhoria dos serviços.

E porque aos Sindicatos cabe a defesa dos trabalhadores, estas visitas servem também para mostrar o nosso apego a esse desiderato não fazendo, como outros, sindicalismo de gabinete e de apoio a determinadas facções accionistas que competem exclusivamente aos mesmos, ou àqueles a quem estão incumbidas intervenções que assegurem a credibilidade do sistema financeiro. 📌



Aspectos da reunião trabalho das Secções Regionais e Secretariados das Comissões Sindicais de Empresa, e da deslocação a Lamego dos colegas Carlos Bicho, João Antunes, José Manuel Santos e José Fazendeiro, no âmbito das tarefas de sindicalização.



AINDA A FEDERAÇÃO DO SECTOR FINANCEIRO

Nunca é demais recordar aquele dia 6 de Dezembro de 2007, que esperamos fique marcado na história do movimento sindical português, e especialmente entre os trabalhadores bancários e dos seguros.

Projecto acalentado há mais de duas décadas, a constituição da FEBASE - Federação do Sector Financeiro, orgulho dos seus fundadores, SBC, SBN, SBSI, SISEP e STAS, representará cerca de 80.000 trabalhadores e, no caso dos três sindicatos bancários, cerca de 180.000 beneficiários dos SAMS, contribuindo assim para uma melhor representação dos trabalhadores, a quem estão criadas, desde já, grandes esperanças e expectativas. É que, além da importância que terá na defesa dos interesses dos trabalhadores da banca e seguros que representa, a Federação significa também uma nova dinâmica na organização do movimento sindical.

A sua constituição permitirá ganhar sinergias, assim como uma forma integrada de representar o sector, gerando condições para trabalhar em conjunto em áreas tão diversas como a negociação colectiva, ganhando um maior poder reivindicativo junto das Instituições de Crédito, maior capacidade de negociação, melhor informação, tempos livres e saúde, com a criação de um SAMS de âmbito nacional mais sólido e eficaz e sobretudo equitativo, esbatendo as diferenças entre os beneficiários oriundos de qualquer ponto do país.

Além do objectivo político-sindical, outras possibilidades se abrem com a Federação, proporcionadas pelas economias de escala resultantes da junção de recursos dos vários sindicatos, designadamente a eventual criação de um Instituto de Estudos Sindicais e Sociais, que poderá fornecer aos Sindicatos que a

integram um conjunto de estudos e documentos que contribuirão para um melhor desempenho.

A criação de organizações sustentáveis, como a FEBASE, que demonstram visão estratégica, será ainda um exemplo para outros sindicatos representantes de diferentes sectores de actividade.

A nível da representação internacional, mais concretamente no relacionamento com a Uni- Europa Finance, a CES, a OIT e outros parceiros internacionais, sairá reforçada a sua posição, o que contribuirá para uma maior proximidade com os seus congéneres e interlocutores europeus, num sector em que as empresas já não são apenas multinacionais, mas transnacionais.

Alguns sindicalistas vêem na Federação um patamar intermédio para a criação de um grande Sindicato Nacional dos Bancários que congregue os três sindicatos verticais.

Outros lembram que tem sobre ela o olhar de milhares de trabalhadores que não se revêem na forma como hoje se faz sindicalismo em Portugal e pretendem ter diariamente uma resposta quanto ao interesse em serem sindicalizados e ao papel dos sindicatos nos dias de hoje.

Tais questões só podem ser respondidas através de uma prática que aproxime o sindicalismo dos trabalhadores, reconhecendo nestes o cerne da sua essência, respondendo com actos aos anseios de maior segurança, maior conhecimento e maior participação na vida colectiva, encontrando a via que aproxime os jovens do movimento sindical, integrando-os e levando-os a participar de forma a poderem assumir, no futuro, a liderança das organizações sindicais. »



SEMINÁRIO NA FACULDADE DE ECONOMIA DA UC O SINDICALISMO PORTUGUÊS E A NOVA QUESTÃO: CRISE, CONSOLIDAÇÃO OU RENOVAÇÃO ?

“O movimento operário e sindical foi, desde o início do século XIX, um dos principais factores de transformação que culminou na fórmula do Estado social europeu. Por isso, o modelo europeu de relações laborais se tornou ao longo do século XX uma referência incontornável para o mundo inteiro e um garante vital da saúde das nossas democracias. O sindicalismo representa, pois, uma conquista importantíssima que não é apenas da classe trabalhadora, mas da

sociedade como um todo. E convirá recordar que a sua emergência e a sua pujança derivaram das condições desumanas impostas aos trabalhadores pelo capitalismo selvagem do século XIX. Vale a pena revisitar a história, quando vivemos uma conjuntura de crescente perda de direitos laborais e de ataque constante aos sindicatos.”

Elísio Estanque*

Teve lugar no passado dia 26 de Janeiro, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, o Seminário - Mesa Redonda “O sindicalismo português e a nova questão social - crise, consolidação ou reinvenção?”, organizado pelo Mestrado em “Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo” da **FEUC** e pelo Núcleo de Estudos do Trabalho e Sindicalismo do Centro de Estudos Sociais, com a participação de Manuel Carvalho da Silva, Secretário-Geral da **CGTP**, João Proença, Secretário-Geral da **UGT**, Carlos Silva, Presidente do **SBC**, Eduardo Chagas, Secretário-Geral da Federação Europeia dos Trabalhadores dos Transportes (**ETF**).

A moderação e comentários estiveram a cargo de **Elísio Estanque**⁽¹⁾ e **Hermes Augusto Costa**⁽¹⁾.

O objectivo deste seminário, organizado sob a forma de Mesa Redonda, consistiu, segundo os organizadores, no desafio feito a quatro experientes sindicalistas portugueses, de abordar um conjunto de temas estruturantes, e mesmo fracturantes, do futuro do movimento sindical em Portugal.

Ainda segundo os organizadores:

“...é sabido que, ao contrário de outros países mais desenvolvidos da Europa, o sindicalismo português foi, depois do 25 de Abril de 1974, o principal movimento social que então (re)emergiu na sociedade portuguesa.

Nos tempos de mudança que hoje vivemos na esfera laboral e social, multiplicam-se as opiniões e as dúvidas sobre a capacidade de renovação e consolidação do sindicalismo. Com agendas de luta tradicionalmente orientadas para responder aos problemas do emprego estável e menos sintonizadas com as novas formas de trabalho flexível; confrontado com o aumento das situações de precariedade laboral, de crescente défice de participação e individualização das relações sociais; debatendo-se com uma tendência de desfiliação e de indiferença, em especial por parte das camadas mais jovens e dos sectores mais precários; e, finalmente, perante a dificuldade de renovação dos quadros e cargos dirigentes das estruturas sindicais; enfim, tendo em conta todo um contexto social desfavorável à sua consolidação, será o movimento sindical





português capaz de encontrar a resposta adequada para estes problemas e desafios?

Pensando na crescente globalização da economia e dos problemas laborais, que esforços tem o sindicalismo português desenvolvido e que novas iniciativas estará em condições de adoptar para uma maior internacionalização das lutas sindicais? As estruturas e confederações sindicais internacionais existentes poderão favorecer as futuras lutas laborais dos trabalhadores portugueses e europeus? Que contributo podem essas estruturas recolher da experiência portuguesa?

Com a participação dos dois principais líderes sindicais do país e de activistas com larga experiência na Região Centro e no plano europeu, pretendemos com esta iniciativa promover o debate público, cruzando a perspectiva dos sindicalistas com a reflexão académica das ciências sociais, apelando por isso à intervenção empenhada de activistas, professores e estudantes, bem como ao público em geral, homens e mulheres, para este importante debate em torno de um tema de grande actualidade e que diz respeito à sociedade no seu conjunto.”

Começou por tomar a palavra **Eduardo Chagas**, que abordou a perda de influência dos Sindicatos, a qual, na sua concepção, tem a ver com as transformações políticas, liberação dos mercados, aumento da precarização, influência da globalização na economia, existência de empresas sem rosto, muitas vezes dominadas por Fundos de Pensões e de Investimento, políticas neo-liberais, envelhecimento dos quadros sindicais e partidarização da vida sindical, entre outros, defendendo ser fundamental, talvez até pela experiência de ser Secretário-Geral de uma Federação Europeia, um sindicalismo transnacional, atendendo a que a legislação tem cada vez mais origem em Bruxelas e só organizados à escala transnacional é possível os sindicatos intervirem com eficácia.

De seguida tomou a palavra **Carlos Silva**, Presidente do SBC, que fez uma abordagem sobre sindicalização no sector financeiro, referindo a elevada taxa de filiação no sector bancário em Portugal, a que não é alheia a importância dos SAMS. Referiu-se também às crescentes dificuldades emergentes da pulverização da negociação colectiva espalhada por diversas mesas negociais, o que acontece desde

1998 quando o BCP se retirou das negociações, e que veio fragilizar aquilo a que chamou “sindicalismo de preposição”. Falou ainda das dificuldades de negociação com grandes grupos tais como o Citigroup e o Deutsche Bank, que se recusam a encetar negociações para aplicação das regras da contratação colectiva. Abordou também a recente criação da Federação do Sector Financeiro e os pressupostos que conduziram à sua implementação.

João Proença referiu-se ao facto dos Sindicatos serem por vezes acusados de corporativismo, embora esse não seja o seu entendimento, uma vez que quer os Sindicatos quer as Centrais Sindicais defendem o interesse geral. Referiu a importância da renovação dos quadros, da limitação de mandatos, da paridade, dizendo que os sindicatos têm que dar exemplos desta natureza, de modo a promoverem a igualdade de oportunidades. Quanto ao trabalho, aludiu ao elevado índice de precariedade e aos desafios que se enfrentam, a qualificação, o respeito pelos direitos e condições dos trabalhadores, a luta por um trabalho digno, com direitos, protecção e diálogo, no âmbito da OIT. Reforçou ainda ser fundamental a igualdade entre homens e mulheres e que não é na base dos baixos salários que devemos competir, mas sim na qualificação, finalizando ser a Confederação Europeia de Sindicatos fundamental para nos defender, porque cada vez mais as políticas europeias condicionam as nacionais.

Carvalho da Silva foi o último orador e começou por referir que o sindicalismo é obreiro da solidariedade e o que vemos é crise na construção da sociedade, do Estado e a completa desfocagem do lugar do trabalhador. Referiu que o fundamentalismo monetarista e financeiro valoriza a especulação e desvaloriza o trabalho, cujos valores têm que ser defendidos. E ainda que fazer sindicalismo é dar resposta a questões individuais e colectivas e que da luta contra o capital resultaram dinâmicas sociais e direitos que o legislador plasmou. Terminou dizendo não existirem soluções isoladas, mas sim de articulação colectiva, embora nós vivamos numa sociedade que institucionaliza o individualismo e ainda que não há espaço para o social sem reivindicações políticas. 🗨️

(1) professores da FEUC





UNI-EUROPA FINANCE EM LISBOA

CONTRATAÇÃO COLECTIVA – ESTRATÉGIA PARA A EUROPA

Decorreu no passado dia 17 de Janeiro, em Lisboa, na Sede do SBSI, uma reunião da UNI-Europa Finance, representada por Allan Bang⁽¹⁾ e Oliver Roethig⁽²⁾, com os Sindicatos Portugueses do Sector Financeiro, filiados nesta Organização Internacional, que contou com a presença de cerca de 30 dirigentes do SBC, SBN, SBSI, SINAPSA e STAS.

De referir que estes cinco Sindicatos portugueses filiados na UNI se fizeram representar ao mais alto nível, tendo o SBC a representá-lo o Presidente e Vice-Presidente da Direcção, respectivamente Carlos Silva e Aníbal Ribeiro e ainda Luís Filipe Ardérius, Director da Revista de Informação.

Os temas abordados foram múltiplos e enriquecedores, sendo de destacar o desenvolvimento da cooperação da UNI-Europa Finance com os filiados Portugueses do Sector Financeiro, a cooperação interna entre os Sindicatos do Sector Financeiro em Portugal, os desenvolvimentos e problemáticas registados no Sector Financeiro nacional e europeu incluindo a experiência com os Conselhos de Empresa Europeus, as ligações de solidariedade dos sindicatos portugueses com países fora da Europa, designadamente com os países de língua oficial portuguesa, as relações com os Bancos Centrais e a negociação colectiva com o Deutsche Bank em Portugal.

ACÇÕES CONJUNTAS A NÍVEL GLOBAL

Além da organização interna da própria UNI-

Europa Finance, que se propõe aproveitar a força dos seus filiados para organizar acções conjuntas a nível global, e da sua cooperação com os filiados Portugueses, foi abordada, com muito interesse, a criação da Federação Nacional do Sector Financeiro entre os sindicatos dos bancários e seguros, pelos esperados ganhos de sinergias e capacidade de reivindicação, sobretudo a nível da contratação colectiva, e consequente reforço da participação portuguesa nos eventos internacionais em termos de dimensão – já que os estatutos da Federação prevêem que o seu órgão executivo assuma a representação internacional – e também pela influência que tal decisão pode provocar noutras organizações sindicais filiadas na UNI, como exemplo do reforço da unidade dos trabalhadores pela via da união de sindicatos.

Depois de uma explanação de Carlos Silva sobre as virtualidades dos Conselhos Europeus de Empresa e particularizando com pormenor o CEE do Grupo BES, discreto mas de efeitos notórios principalmente no plano ibérico, falou também o representante do CEE da Allianz, que veio transmitir a tónica da diversidade político-sindical existente nesta matéria, como em tantas outras, mas que confirma o essencial: vale a pena apostar na implementação de Conselhos Europeus de Empresa como elos de transmissão das preocupações dos trabalhadores nas grandes empresas multinacionais, entendidas num contexto transnacional, como complementos – e não como opositores – à acção dos Sindicatos.

FAZER COM QUE BANCOS CUMPRAM A CONTRATAÇÃO COLECTIVA

Foi depois referido que, no tocante às relações com os países de expressão oficial portuguesa, tem sido prestada formação em diversas áreas, apoio logístico para aquisição e equipamento de instalações e materiais diversos.

Quanto ao relacionamento com os Bancos Centrais foi focada a necessidade de agilização de uma estratégia comum de actuação, com vista à obtenção de um trabalho mais eficaz e a uma melhoria da imagem junto do BCE. Relativamente ao problemático comportamento do Deutsche Bank em Portugal, aliás na sequência do também referido quanto ao Citibank, foi sugerido o reforço da cooperação internacional na abordagem destas atitudes de algumas multinacionais, sendo necessária uma intervenção sindical junto das entidades legislativas e legisladoras dos diversos países, no sentido de serem criadas medidas que defendam os trabalhadores dos neo-liberalismos selvagens. Neste caso foi decidido que a UNI-Europa Finance levará o assunto à reunião do Conselho Europeu do Deutsche Bank, que terá lugar em Março na Alemanha, sem impedir que os sindicatos portugueses despoletem processos coercivos no sentido de levarem aquele Banco a cumprir as regras da contratação colectiva nacional. 

⁽¹⁾ Recém eleito Presidente da Uni-Europa Finance

⁽²⁾ Representante da Uni-Finance Mundial





SEMINÁRIO

“IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO TRABALHO: PERSPECTIVA DE GÉNERO NUMA SOCIEDADE SOLIDÁRIA”

Organizado pelo Centro de Formação Sindical e Aperfeiçoamento Profissional (Cefosap) com o apoio da UGT, decorreu nos passados dias 11 e 12 de Dezembro, no Hotel D. Inês, em Coimbra, o seminário “Igualdade de Oportunidades no Trabalho – Perspectiva de Género numa Sociedade Solidária”.

A abertura esteve a cargo do Dr. João Dias da Silva, de José Manuel Meirinho e Ana Paula Viseu, respectivamente Presidente, membro da Comissão Permanente e Coordenadora da Comissão de Mulheres da UGT e da Dr^a. Elvira Carlota, directora do Cefosap.

Sobre as conclusões do estudo da Dr^a. Glória Rebelo, do ISCTE, “Igualdade de Oportunidades no Trabalho – Perspectiva de Género numa Sociedade Solidária” dissertou o Dr. José Ricardo Nunes, da UGT.

O primeiro painel tratou do estudo sobre o “Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos”, e contou com o presidente do SBC como moderador, enquanto membro da Comissão Executiva da UGT.

Participaram o Dr. Alexandre Rosa, Vice-Presidente do IEP e o Dr. Vítor Ramalho, Presidente da Comissão Parlamentar de Trabalho e Segurança Social e Administração Pública.


Dia 12, realizou-se o 2º painel, “Mulheres no Trabalho; Estereótipos e

Mudança”, moderado pela Eng^a. Clara Quental, Secretária Nacional da UGT e com a participação da Dr^a. Maria José Magalhães, da FPCE da Universidade do Porto e do Dr. António Casimiro, da FEUC, a que se seguiu a apresentação de síntese dos resultados do “Inquérito Regional à População Portuguesa Sindicalizada” da Dr^a. Glória Rebelo.

O 3º Painel, “Participação Sindical Feminina – Constrangimentos e Desafios” foi moderado por Ana Paula Viseu, Coordenadora da Comissão de mulheres da UGT e teve a participação da Eng^a. Clara Quental, do SBN e da Enfermeira Rita Abrantes, do Sindicato respectivo.

Seguiu-se a apresentação da síntese dos resultados do “Inquérito Nacional à População Portuguesa sobre Igualdade de Oportunidades no Trabalho” da Dr^a. Glória Rebelo.


Por último, o 4º Painel, “Conciliação entre vida profissional e vida familiar”, foi moderado por Francisco Carapinha, Coordenador da Delegação Regional do Centro da UGT, com a participação da Mestre Manuela Carrito do SPZC/Com Mulheres da UGT e do Dr. Vítor Coelho, da Comissão Permanente da UGT.

O encerramento dos trabalhos, esteve a cargo de Ana Paula Viseu, do presidente do SBC, Carlos Silva e do Dr. Paulo Bárcia, da OIT. 



XI CONGRESSO DOS PROFESSORES DA ZONA NORTE

O Sindicato dos Bancários do Centro, representado por Carlos Silva e Luis Filipe Ardérius, participou, a convite do SPZN, na sessão de encerramento do XI Congresso daquele Organismo, que decorreu nos passados dias 26 e 27 do mês de Janeiro na cidade da Maia, sob o lema “A ESCOLA PRECISA DE NÓS –Combater com proposta, liderar a acção”.

Naquele Congresso, foram apreciados o Relatório de Actividades e várias propostas de resolução sobre as mais variados questões laborais e profissionais, bem como a proposta de plano de acção sindical para o quadriénio de 2008 a 2011, apresentada pela lista candidata e vencedora das eleições que também ocorreram no Congresso, as quais mereceram a aprovação da esmagadora maioria dos congressistas presentes. 



João Dias da Silva, o Presidente do SPZN no uso da palavra



SEMINÁRIO

“OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO: AS DINÂMICAS SOCIAIS E O SINDICALISMO”



A Fundação Mário Soares promoveu, com o apoio da Fundação Friedrich Ebert, o Seminário Internacional sobre o tema “Os Desafios do Desenvolvimento - as dinâmicas sociais e o sindicalismo”, que se realizou na Fundação Calouste Gulbenkian, no passado dia 11 de Janeiro.

O Seminário teve vários painéis, nomeadamente: “O Desenvolvimento na sua Dimensão Social e Ambiental”, em que participaram os académicos José Barata Moura, Viriato Soromenho Marques, o representante da OIT e Tarso Genro, Ministro da Justiça do Brasil; “Economia, Desigualdade e Pobreza”, com os professores universitários M. João Rodrigues, Teodora Cardoso e Alfredo Bruto da Costa, também Presidente do Conselho Económico e Social, além do Secretário-Geral da Confederação Europeia dos Sindicatos da Alimentação, Hotelaria e Turismo, Harald Wiedenhöfer; “Sindicalismo em tempo de globalização”, com Manuel Carvalho da Silva, João Proença e Guy Ryder, respectivamente Secretário-Geral da CGTP, UGT e Confederação Sindical Internacional e “As Relações de Trabalho - Presente e Futuro” com as presenças dos professores de Direito do Trabalho Jorge Leite, Júlio Gomes e António Monteiro Fernandes, respectivamente da UC, UCP e ISCTE, bem como de Maria Emília Casas, Presidente do Tribunal Constitucional de Espanha.



Kalidás Barreto, decano do sindicalismo português e Carlos Silva

MÁRIO SOARES: “EXCESSO DE PRIVATIZAÇÕES”

Mário Soares, presidente da Fundação e José Sócrates foram dois dos oradores da sessão de abertura da conferência. No seu discurso, o ex-Presidente da República fez um cerrado ataque ao neoliberalismo (sobretudo norte-americano) e às correntes mundiais que tentam enfraquecer o papel do Estado.

“Nunca fui partidário de um Estado de funcionários - obviamente dependentes - mas sim de cidadãos livres. Mas agora acho que há excesso de privatizações e que se tem criado o hábito de recorrer a

empresas privadas para fazer o trabalho que aos serviços do Estado incumbem”, apontou, para deixar ainda a seguinte pergunta: “Por que preço e com que lucros” se recorre às empresas privadas? dizendo depois temer que “se chegue a retirar ao Estado as alavancas necessárias para as intervenções que se impõem”.

José Sócrates, fez um discurso de improviso, vincando as diferenças entre uma “esquerda aberta às mudanças” e uma esquerda “fixista e conservadora”. Depois desta intervenção, em declarações aos jornalistas, José Sócrates disse estar “completamente de acordo” com Mário Soares sobre a defesa do modelo social europeu. “Ambos queremos um modelo social europeu que não deixe ninguém ficar para trás e que possa dar mais oportunidades a todos”, terminou dizendo.

CARVALHO DA SILVA: PARA OS TRABALHADORES “IMPOSIÇÕES SEM REGRAS”

No painel “Sindicalismo em tempo de globalização”, com Manuel Carvalho da Silva, João Proença e Guy Ryder, questionou-se o papel do movimento sindical numa época de profundas transformações, confrontando-se os trabalhadores com imposições sem regras, sustentadas pela desregulação social.

Carvalho da Silva referiu que “os problemas com que os trabalhadores e os seus sindicatos se deparam têm dimensões sócio-profissionais, laborais e sociais concretas, mas muitas das soluções já não serão alcançadas sem intervenção e mudança profunda no plano das grandes opções políticas tomadas não apenas ao nível nacional, mas também regional e mundial”.

Mais aludiu que “os caminhos do desenvolvimento impõem um forte combate pela valorização das actividades não especulativas e, em particular, do sector produtivo.”

Para si, “os sindicatos estão em pleno processo de profundas mudanças que implicam reanálise e revitalização dos seus projectos conceptuais, alterações estruturais, organizacionais, de métodos e práticas de trabalho e um grande desafio de formação, nomeadamente política e ideológica dos dirigentes e activistas sindicais. Terminou dizendo que a actual discussão em torno dos mecanismos de segurança e das flexibilidades não podem conduzir à institucionalização leviana do conceito de flexigurança como elemento estruturante das relações de trabalho, num quadro de enfraquecimento ou anulação do direito do trabalho e de enfraquecimento da negociação colectiva, sendo que parece ser esta a opção que se perspectiva em Portugal, no conteúdo do Livro Branco das Relações Laborais. Rematou dizendo que “o movimento sindical, as forças progressistas e a própria OIT devem dar uma atenção acrescida a estes debates”.

JOÃO PROENÇA: “OS SINDICATOS, CADA VEZ MAIS NECESSÁRIOS”

João Proença, começou por referir a riqueza da história do movimento sindical e o seu contributo para a edificação de uma cidadania e ainda o seu papel nuclear no desenvolvimento e sustentabilidade do Modelo Social Europeu.

Fez referência às consequências da globalização neo-liberal, com deslocalizações e perdas de emprego e à desregulação social e pressão para a diminuição de salários e consequente agravamento da exploração.



Referiu ainda serem profundos os impactos sociais e políticos da globalização, ameaçando de exclusão uma parte importante da população mundial e provocando disparidades acrescidas na distribuição de salários, de rendimentos e de riqueza, bem como instabilidade e crises políticas.

Os Sindicatos têm de procurar novas formas de unidade orgânica e de unidade na acção, quer a nível confederal, quer a nível sectorial, nomeadamente melhorar as qualificações profissionais, defender o Modelo de Protecção Social, reforçar a Adaptabilidade e a Mobilidade, promover uma Política de Rendimentos mais Justa e Solidária, reforçar a Negociação Colectiva, discutir o Modelo de Relações de Trabalho e promover uma Democracia de Participação, concluindo que os sindicatos são cada vez mais necessários. »

COLÓQUIO/CICLO «DOC TAGV»

PARAÍSOIS FISCAIS, DESREGULAMENTAÇÃO E INFERNOS SOCIAIS



Em 18 de Janeiro, organizado pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, no Teatro Académico de Gil Vicente decorreu o colóquio “Paraísos fiscais, infernos sociais”, no qual o nosso Sindicato participou, através de Carlos Silva e de Francisco Carapinha, a convite dos seus organizadores.

De um dia para o outro, uma das melhores fundições mundiais, a francesa “Metaleurop”, segundo informações directamente prestadas por Jean-Louis MARTIN, ex-trabalhador da empresa, fechou as portas, criando um caos social.

Este caso, a coberto de um paraíso fiscal e num claro propósito de deslocalização, mostra o fenómeno da globalização no seu pior.

Socorrendo-se da falta de regulamentação, o grupo accionista,

sedeado num paraíso fiscal, lançou os trabalhadores para o desemprego sem qualquer tipo de indemnização - com o governo francês em posição de indiferença.

Do colóquio acima referido que teve a participação de João Proença, da UGT, Ulisses Garrido da CGTP, Saldanha Sanches da FDUL, António Casimiro da CES/FEUC e João Sousa Andrade da FEUC, resultou a ideia de que é necessária uma mobilização contra os “paraísos fiscais”, que não têm razão de ser, através da criação de mecanismos de regulação económica, financeira e jurídica, coordenados a nível europeu e internacional, que impeçam ou responsabilizem os autores de tais situações.

Segundo Júlio Marques Mota, da organização do Seminário “é necessário impor regras de transparência “. »

830 trabalhadores da empresa Noyelles Godault, propriedade da sociedade Metaleurop Nord, filial do grupo Metaleurop SA, foram despedidos. De um dia para o outro, a totalidade dos seus empregados ficou sem emprego.

Mas como é que se pode chegar a esta situação?

Os assalariados de Metaleurop reagrupados na sua Associação “Choeurs des Fondeurs” quiseram compreender as verdadeiras razões deste desastre.

É neste sentido que se inserem dois importantes documentários mostrados no TAGV, no contexto deste colóquio. A lógica dominante do pensamento único, baseado no argumento dos custos salariais não competitivos, levou a que os media não tivessem feito uma investigação séria a este respeito.

Estes documentários permitem mostrar que os assalariados não foram, de modo nenhum, responsáveis por esta catástrofe. Eles foram sim, as vítimas de manobras financeiras destruidoras, conduzidas por uma multinacional concorrente, protegida

pela sua implantação num paraíso fiscal.

Chamamos aqui a atenção dos nossos associados para a importância do “ciclo DOC” do TAGV, pela sua importância documental e conteúdos de interesse sócio-laboral. »





O ESMAGAMENTO DAS CLASSES MÉDIAS: UMA “MODERNIZAÇÃO” INEVITÁVEL?...

António Tejo

A classe média representa um sector social que emergiu de mudanças sociais positivas ao longo de certos momentos da história, nas sociedades economicamente mais evoluídas, e parecia poder alargar-se a um crescente número de países, em benefício duma melhor estabilidade geral, duma melhor distribuição da riqueza e de mais harmónicas perspectivas de desenvolvimento.

Independentemente das questões de natureza ideológica que possam ser aplicadas ao julgamento destes factos, o afundamento da classe média representa, de certo modo, o fim da esperança para largos milhões de pessoas através do mundo, de poderem um dia atingir o nível de bem-estar a que têm direito e o alargamento trágico do fosso que separa ricos e pobres.

Estamos pois não apenas perante uma modificação de carácter circunstancial, mas face a transformações que incluem uma deriva no sentido da injustiça e até da violência, nos seus mais variados matizes.

A “SOCIEDADES DOS 20%” E O PENSAMENTO ÚNICO

Alguém que exerce a mal amada profissão de professor levantou, em plena aula, a questão da teoria que demonstra que, em certas sociedades, apenas 20% da população seria suficiente para produzir tudo aquilo que é necessário.

È a célebre questão da “sociedade dos 20%”, já típica dos países ditos do terceiro mundo, e que se configura perigosamente como modelo a ser adoptado por um crescente número de estados, onde a tendência é a de maximizar o labor de apenas um quinto dos cidadãos, condenando os restantes 80% à periclitante inutilidade.

Aqueles, portanto, detentores de conforto e abundância, estes sobrevivendo à custa de esquemas diversos de parasitismo, que oscilam entre a subserviência, a precariedade, a marginalidade e até a violência assustadora e crescente, factores que acentuam perversas modalidades de “vigilância” e repressão consequente.

Um aluno da turma afirmou achar perfeitamente natural, dado que se sentia capaz de vir a pertencer ao sector dos beneficiados 20%, furtando-se aos óbvios inconvenientes dos restantes “pé-rapados”.

O episódio poderia contar-se como anedota de mau gosto, e haverá até quem se ria. Reflecte, contudo, uma crescente aceitação fatalista de esquemas de desigualdade, por assim dizer, “inevitáveis”.

Não é impunemente que em todos os noticiários de todas as emissoras de rádio e televisão, dia após dia, se sucedem os opinantes da receita do capitalismo ultra liberal, que se limitam a ser a voz dos seus donos, ministros, administradores bancários e empresários de todas as qualidades e feitios, concordantes em que os problemas económicos do país apenas se resolvem liberalizando os processos de despedimento, aumentando os impostos indirectos geradores de injustiça social, cortando benefícios e direitos, etc.

Uma cultura catastrófica que nos é impingida sem contraditório, em regime de pensamento único.

A VIOLÊNCIA E O CRIME, MANCHAS INCÓMODAS NUM CENÁRIO DE LUXOS

A contracção do poder de compra de número crescente de cidadãos e a falta de clientes aos balcões de imensos estabelecimentos começa a fazer alastrar a mancha dos que se queixam, atingindo áreas sociais até aqui conhecidas pela sua razoável prosperidade.

As concentrações, a destruição de sectores inteiros da economia e a proeminência da especulação sobre as políticas de criação de riqueza semeiam uma falsa e cruel opulência, a par do desemprego e da competição sem freio.

Milhares de jovens começam a debater-se com um pesado horizonte de angústia e frustração, enquanto meios de assistência e de apoio elementar escapam a um número crescente de desamparados.

Uns e outros se despem dos adornos da respeitável classe média, dando entrada na menos satisfatória condição de proletários ou, na pior das hipóteses, de cidadãos sem cartão de crédito, sem direito a férias em destinos exóticos, sem carros de grande ou de pequena cilindrada, forma um tanto irónica de dizer que passam a pobres, desconfortáveis vizinhos da fome.

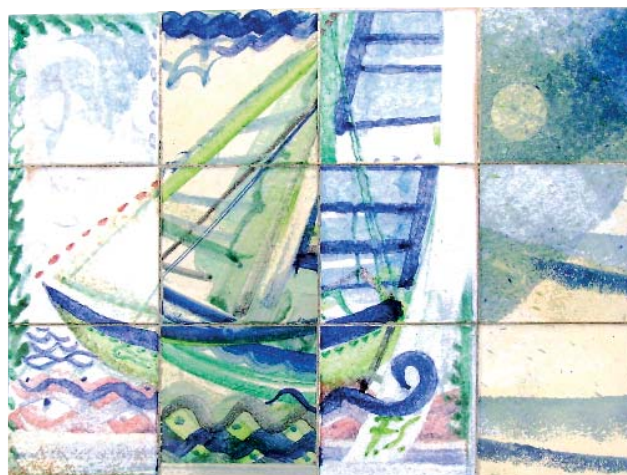
Enquanto isto, um bando de finórios continua a aparecer nas capas das revistas exibindo milhões, sorridentes em seus fatos de fino corte, rodeados de aparatos reluzentes como se fossem modelos recomendáveis.

Prejudicando o cenário, um número crescente de pobres começa a aparecer por aqui e por ali, de mão dada com a violência e o aumento do crime organizado.

Pensem todos um pouco nisto e tomemos as atitudes mais adequadas enquanto é tempo. O tempo que urge e que a todos envolve nas mesmas ameaças e constrangimentos, que atingem até, em muitos casos, tantos daqueles que tentam ingressar ou manter-se, sem olhar a meios, no mundo “fechado” dos privilegiados 20%... »

Ler:

Hans P. Martin e Harald Schumann “A Armadilha da Globalização”, 1998





DIZ QUE É UMA ESPÉCIE DE MAGAZINE? NÃO, É UMA AUTÊNTICA LEI DA SELVA.

Pedro Malta

Na tranquilidade doméstica do começo duma noite de Domingo, acabo de jantar frente à luminosidade intermitente do televisor. Aconchego-me no sofá. Acontece, então, amiúde a cabeça descair-me um pouco, trocando, sem dar por isso, a vigília pouco atenta aos fenómenos da TV pelo desprendimento de um sono breve e nem sempre confortável, com sonhos e tudo.

Hoje é dia de comentários do Professor e, de vez em quando, lá me deixo arrastar pela cavalgada do seu fraseado. Desta feita retive sobretudo aquela notícia, já muito badalada, de que Paulo Teixeira Pinto levou “à cabeça” dois milhõezitos de contos, e mais meio milhão de euros por ano (até ao fim da vida!...) para poder dormir descansado. O Prof. diz que são sete mil contos por mês mas, para quem fizer as contas, dá bem mais do que oito mil. Tudo bem.

A minha mulher acrescenta ter lido algures que o Senhor Dr., além de tudo isso, já arranhou vários empregos de administrador aqui e ali, para que não ganhem mofo os seus talentos, que devem ser prodigiosos. Tudo bem.

Desligo-me do televisor e torno a ler a abertura de um artigo saído há dias na versão portuguesa do “Le Monde Diplomatique”, página 6 da edição de Janeiro, de autoria de François Ruffin:

Na introdução: “Com vista a «defender o poder de compra», o governo francês está a encarar uma série de medidas: converter em moeda as férias de que o assalariado prescindia, trabalho ao domingo, implantação mais fácil dos hipermercados. Um dado deste problema é quase sempre encoberto: em vinte anos, a parte dos salários no produto interno bruto francês baixou 9,3 por cento, o que corresponde a mais de 100 mil milhões de euros parcialmente transferidos para o capital.”

No desenvolvimento: “A parte dos lucros é hoje invulgarmente elevada (e a parte dos salários invulgarmente baixa). Na realidade, a amplitude desta evolução e o leque dos países a que diz respeito não têm precedentes nos últimos 45 anos.”

“De onde extraímos estas linhas? De algum texto da Confederação Geral do Trabalho? Nada disso. Estão num artigo do Banco de Pagamentos Internacionais, instituição que todos os meses, em Basileia, reúne os responsáveis dos bancos centrais para “coordenar as políticas monetárias” e “promulgar regras cautelares”. Não se trata propriamente de um covil de marxistas, mas o seu requisitório contra a referida “margem [de lucro] de um valor sem precedentes” ocupa vinte e três páginas do referido texto.

E quem receia que venha a acontecer o pior? “Tenho esperado e continuo à espera de alguma normalização na partilha do lucro e dos salários”, porque “a parte dos salários no valor acrescentado é historicamente baixa, ao contrário da produtividade, que está incessantemente a melhorar”. Ora “esta desproporção entre débeis progressões salariais e lucros históricos das empresas faz temer [...] um acréscimo do ressentimento contra o capitalismo e o mercado, tanto nos Estados Unidos como noutras paragens”. Di-lo Alan Greenspan, antigo director da reserva Federal norte-americana, dando conta das suas inquietações ao Financial Times...”

A OPULÊNCIA, AS ASSIMETRIAS E TUDO O MAIS...

O artigo prossegue por mais algumas laudas, e quem quiser lê-lo por inteiro pode comprar o jornal que, apesar de ter “mudado de gerência”, continua a publicar material do maior interesse.

A minha associação de ideias entre as subvenções de Paulo Teixeira Pinto, migalhas irrisórias perante os 100 mil milhões de que nos fala François Ruffin, fazem todo o sentido e são fruto de uma realidade que nos envolve como tenazes dum destino sem apelo.

Será, de facto, assim?

Será inevitável a deriva de assimetrias imparáveis que faz dos ricos cada vez mais ricos e dos pobres (e remediados), cada vez mais pobres?

TANTA GENEROSIDADE PARA UNS, E TANTA AVAREZA PARA OUTROS? O QUE É QUE FARÁ A DIFERENÇA?

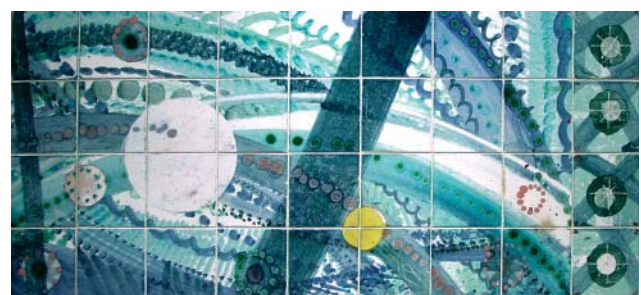
No primeiro artigo que tive a ocasião de publicar nas páginas da **REVISTA DE INFORMAÇÃO** chamei a atenção para aspectos escandalosos da opulência, por vezes seguidos pelos cidadãos como simples “fait divers”, com a mesma distanciada incredulidade com que se escutam as fábulas.

O caso do ex-administrador do BCP é-nos contudo mais próximo, e deveria, pelo menos numa revista sindical, merecer um comentário documentado, que acordasse todos os trabalhadores (bancários e não só) para a descomunal disparidade entre o trabalho e remuneração, que não remete para a desconsideração dos méritos do titular, mas sim para as enfermidades sociais que revela e levanta questões de ordem moral e de organização política da mais séria gravidade.

Caberia avaliar se os montantes auferidos pagam só talento e virtudes profissionais, ou se há alguma coisa mais por detrás disso, que é valor que não cai do céu e que acaba por sair dos bolsos de terceiros, grupo de que indubitavelmente fazemos parte.

Justo seria saber também se são moralmente admissíveis tais prodígios da generosidade institucional para uns, que tão escassos e inquisitoriais se revelam para outros.

Para que não tenhamos a tentação de pensar que não estamos perante qualquer espécie de magazine, mas sim entregues à mais arbitrária das sem razões da injustiça. ❧





OS SINDICATOS

Sequeira Mendes

Com a precarização laboral, a crescente desregulamentação, o encerramento e a deslocalização de empresas, os Sindicatos perderam uma importante massa de trabalhadores política e sindicalmente amadurecidos e, por esse e por outros motivos, perderam também solidez ao nível da sua acção e meios de subsistência.

Esta realidade torna-se premente e suscita uma abordagem reflexiva dirigida a reforçar as motivações e relançar a disponibilidade sindical dos trabalhadores.

Do meu ponto de vista, os factores que enfraquecem o sindicalismo são, entre outros, os seguintes :

- Inexistência de debate e comunicação a nível das organizações dos trabalhadores;
- Pouca abertura dos Sindicatos relativamente à sociedade;
- Uso de uma linguagem rudimentar dos agentes sindicais, o que a torna muito pouco expressiva.

É fundamental a formação de Delegados Sindicais isenta de tutelas partidárias.

A revitalização do Sindicalismo com jovens activistas também é importante, bem como a auscultação dos associados, tentando perceber as suas necessidades e a forma como avaliam o sindicalismo.

O facto de a linguagem sindical se confundir, frequentemente, com a linguagem partidária torna-a não só suspeita como rejeitada.

A comunicação social não dá destaque às pretensões dos trabalhadores, privilegiando as posições das empresas e dos representantes e porta vozes do capital. São exemplos disso os suplementos e noticiários económicos e os comentadores televisivos que promovem sistemática acção de informação condicionada e dirigida, em total falta de pluralismo.

A própria precariedade dos jornalistas, alguns deles estagiários, condiciona a quantidade e a qualidade do trabalho que produzem.

O TRABALHO TEMPORÁRIO, HORIZONTE DE PRECARIIDADE

Também, a nível sindical, a precariedade é o seu maior inimigo, que cresce de forma alucinante e a arma mais forte deste inimigo que se dá pelo nome de “Empresas de Trabalho Temporário”.

Esta situação é, historicamente, o culminar de uma contra-ofensiva que começa em Mário Soares com os contratos a prazo e os salários em atraso, com a guerra declarada ao emprego estável e aos direitos dos trabalhadores na era Cavaco Silva, com as privatizações que viriam a ser consagradas constitucionalmente em 1989 e na Lei-quadro de 1990, até chegarmos aos nossos dias com o pacote laboral que veio facilitar os despedimentos.

Dentro dos próprios sindicatos também existem anti-corpos que marginalizam e até afastam dirigentes e activistas sindicais só pelo facto de não estarem alinhados com a estrutura partidária

que controla e manipula a estrutura sindical. Infelizmente temos exemplos destes criados pelos partidos que controlam as nossas Centrais Sindicais.

Por fim gostava de referir que pouco se faz para travar e desmascarar algum sindicalismo que impunemente pratica a caça ao associado enganado, com falsas notícias laborais, induzindo das formas à assinatura da adesão. É usual este género de sindicatos contornarem os representantes dos trabalhadores (depois de os denegrir) e reunirem directamente com as administrações e cozinham acordos.

A MAIOR ESCALADA DE ASSALTO AOS DIREITOS E REGALIAS DOS TRABALHADORES

Está a ser preparado o “cadafalso” para os trabalhadores com a “Flexi-Segurança”.

O Código de Bagão Félix continua impune e intocável pelo governo Sócrates e nada nos espanta que esteja na forja o segundo capítulo (versão Vieira da Silva) dando continuidade a uma obra negra que reflecte o regresso ao passado do tipo “O Anti-Cristo do Capitalismo”.

É por essas e por outras que se exige um Sindicalismo forte e preparado, cooperando entre si. Para isso é necessário que os trabalhadores se sindicalizem e fortaleçam as suas organizações laborais, exigindo mais eficiência e qualidade sindical de modo a inverter as tendências negativas hoje em dia mais em voga, realmente programadas para efectuar o assalto sistemático aos direitos e regalias dos trabalhadores. ➤





ZANGAM-SE AS COMADRES...

J. Freitas Simões

Saio de Lisboa, por volta das 19 horas, após uma sexta-feira de conversações no BANIE, com vista à celebração de um acordo de empresa.

Venho entretido, a ouvir na Antena 3, um programa intitulado “Conversas de Rapaigas”, com Ana Bola e Teresa Caeiro. Conversa bastante animada e divertida sobre provérbios, muitos deles ligados ao tempo e às colheitas, que retratam uma sabedoria popular que foi passando de geração em geração.

De meia em meia hora dou um salto à TSF, minha rádio de referência em matéria noticiosa, para ir acompanhando a audição do Governador do Banco de Portugal na Assembleia da República marcada para aquele dia. Tratava-se de averiguar se o Banco de Portugal, responsável pela supervisão do sistema financeiro português, tinha falhado, por não ter detectado eventuais actividades ilícitas com sociedades off-shore criadas pelo BCP e que alegadamente teriam sido utilizadas para compra de acções do próprio banco.

Vitor Constâncio garantiu que “a criação de 17 sociedades off-shore pelo Millenniumbcp para alegada compra de acções próprias, nunca foi comunicada ao supervisor pelos auditores externos, nem referenciadas nas reservas às contas do Banco”. Afirmou ainda que a supervisão “não é infalível em nenhum país”, defendendo que as situações de fraude dificilmente são detectadas sem denúncia, dado o elevadíssimo número de operações bancárias no sistema. Neste caso não foi possível identificar qualquer proprietário destas off-shore, o que só veio a acontecer através de duas denúncias, a 28 de Novembro e a 11 de Dezembro de 2007, com fotocópias e documentos internos do banco.”

A SABEDORIA POPULAR A MARCAR PONTOS, E A PREPONDERÂNCIA DOS IMPACTOS NEGATIVOS

Mais um salto aos provérbios e lá vem um que conhecemos muito bem, “Zangam-se as comadres, descubrem-se as verdades”

A sabedoria popular mais uma vez a marcar pontos. Foi preciso que, no rescaldo duma luta feroz pelo poder, dentro do maior banco privado português, se jogassem todos os trunfos e lá aparecessem os documentos, que vão permitir avaliar e, espera-se, exigir responsabilidades aos eventuais infractores. Tivesse havida uma sucessão pacífica e ainda hoje estaríamos a ignorar uma situação que envolveu accionistas, familiares e sabe-se lá que mais.

Não tenho informação nem formação para poder afirmar se estas situações deveriam ser detectadas pelo Banco de Portugal ou pela CMVM. Fica-me, no entanto, a dúvida sobre a sua eficácia e se não haverá outros bancos com problemas idênticos. E isso não é nada bom para o sistema financeiro português.

Na sequência da intervenção de Filipe Pinhal, na Assembleia Geral de 15 de Janeiro, sobre alguns números do exercício de 2007, o banco foi obrigado, pela CMVM, a divulgar em comunicado que “os resultados líquidos de 2007 incorporam um conjunto de impactos positivos e negativos, com preponderância destes últimos, decorrentes designadamente dos custos com a oferta sobre o BPI e custos com reformas antecipadas de colaboradores e de membros do Conselho Executivo que cessou funções”. Reformas tão generosas que, segundo se sabe, superam os custos com

a OPA sobre o BPI. “Injustificadas e desproporcionadas” para utilizar a expressão do Presidente da República, que também tem culpas no cartório e que à sua conta também já leva a sua dose de reformas.

Paralelamente, à mesa das negociações, são os mesmos que dão instruções para afastar qualquer hipótese de compensação aos bancários reformados, que têm visto as suas pensões degradadas por força das alterações a nível de IRS. Eles que tanto deram para transformar os bancos em empresas sólidas e rentáveis.

A terminar, dizer que a nova administração, eleita esmagadoramente pelos principais accionistas, tem um duro e longo trabalho pela frente num cenário adverso com o fantasma da recessão a pairar no ar. Pôr fim à actual e prolongada instabilidade e devolver a credibilidade à instituição, é o que se lhe exige. **Os trabalhadores, como sempre, responderão presente, mas exigem o reinício das negociações laborais e que o seu trabalho seja reconhecido e recompensado.** ✂





O TABACO É UM TEMA RECONHECIDO

Fava Abreu
Médico/Director Clínico dos SAMS

O tabaco é um tema reconhecido, pela comunidade médica e pela população em geral, como um grave problema de saúde pública responsável por muitas doenças e mortes. Segundo dados da OMS, há aproximadamente 1 bilhão de fumadores no mundo.

Segundo o euro barómetro de 2007, em Portugal, há 24% de fumadores, sendo mesmo assim o país da Europa em que se fuma menos. No entanto, em 2005, foram atribuídas ao tabaco 12.600 mortes, 12% do total de mortes em Portugal. Embora se saiba que as propriedades psicoativas da nicotina tornam a cessação tabágica difícil, é urgente intervir junto dos fumadores para serem estimulados a deixar o tabaco, sobretudo junto dos mais jovens.

No fumo do tabaco foram identificados mais de 400 substâncias diferentes. Estas encontram-se distribuídas pela fase gasosa, cujos constituintes principais são, sobretudo, o anidrido carbónico e o monóxido de carbono, e pela fase de partículas que contém nicotina, água e alcatrão, ficando este em parte retido no filtro do cigarro. O alcatrão é composto por várias substâncias, entre as quais compostos radioactivos, hidrocarbonetos aromáticos que são reconhecidos agentes cancerígenos.

Dos constituintes do tabaco a nicotina é o principal responsável pela habituação e portanto pela dependência semelhante aos das drogas ilícitas. O monóxido de carbono combina-se com a hemoglobina dos glóbulos vermelhos formando a carboxi-hemoglobina, dificultando o transporte do oxigénio aos tecidos, função essa desempenhada pela hemoglobina. As substâncias cancerígenas presentes no fumo do tabaco podem desencadear ou acelerar os processos tumorais. Destes componentes, o alcatrão e os irritantes são responsáveis pelo cancro do pulmão e pela doença pulmonar obstrutiva crónica (DPOC). A nicotina e o monóxido de carbono estão implicados nas doenças cardiovasculares.

O tabaco pode provocar ou agravar as seguintes doenças: cancro do pulmão que tem vindo a aumentar em todo o mundo, sendo o risco proporcional ao consumo do tabaco e ao tempo que se fuma. Outros cancros estão também relacionados com o consumo do tabaco, como o da cavidade oral, laringe, faringe, esófago, estômago, pâncreas, rim, bexiga e útero. Também não há dúvida quanto à importância no início ou agravamento da bronquite crónica e no enfisema pulmonar, sendo considerado o principal factor no desenvolvimento destas doenças. O tabagismo está associado ao aumento das infecções agudas das vias respiratórias e contribui também para o aumento da incidência de doenças cardiovasculares, nomeadamente do enfarte miocárdio e da angina de peito. Também contribui para uma maior incidência de trombose e hemorragia cerebral, sendo evidente a associação entre o tabagismo e a úlcera péptica.

Por último, as mulheres que fumam têm mais complicações relacionadas com o crescimento fetal e portanto mais risco de

dar à luz recém nascidos de baixo peso e prematuros. Também o número de nados mortos, de mortes de bebés no primeiro mês de vida e de bebés com cardiopatias congénitas, é maior em filhos de mulheres que fumaram no decurso da gravidez.

Pode-se questionar porque é tão difícil deixar de fumar. Isto deve-se ao facto do fumo não ser só um hábito, ou um gesto ao qual é fácil renunciar, mas antes uma necessidade fisiológica para manter o nível sérico da nicotina.

O tabagismo passivo é a inalação do fumo do tabaco do ambiente que pode provocar nos fumadores passivos vários sintomas, sendo os mais frequentes, a irritação ocular, nasal, faríngea, espirros e tosse. O fumo passivo provoca lesões no aparelho respiratório dos adultos e das crianças saudáveis não fumadoras, podendo desencadear sintomas de asma, bronquite e infecções respiratórias. Também contribui para as doenças cardiovasculares e é um factor de risco para o cancro do pulmão. ➤





IRS – DECLARAÇÃO ANUAL DE DESPESAS COM A SAÚDE REFERENTE AO ANO 2007

Muito em breve irão ser enviadas as declarações anuais de despesas com a saúde suportadas pelos beneficiários durante o ano de 2007.

Consoante as despesas suportadas pelos beneficiários, poderão ser emitidas três tipos de declarações, a saber :

AS PREVISTAS NO Nº 2 DO ARTº 82º DO CIRS

Contêm a parte das despesas suportadas pelo beneficiário e não reembolsadas pelos SAMS.

No que se refere aos medicamentos, informamos que a referida declaração já inclui a parte suportada pelo beneficiário na farmácia referente a medicamentos comparticipados, pelo que não devem ser apresentadas as despesas constantes dos recibos emitidos pelas respectivas farmácias.

Apenas deverão ser apresentados os recibos referentes a medicamentos e produtos que não tenham tido qualquer participação.

AS PREVISTAS NO ARTº 84º - ENCARGOS COM LARES

Contêm a parte das despesas suportadas pelo beneficiário e não reembolsada pelos SAMS.

COMPLEMENTARIDADE – BENEFICIÁRIOS TITULARES DE OUTROS SUBSISTEMAS

Os valores mencionados na declaração emitida pelos SAMS/Centro, devem ser deduzidos aos valores declarados pelo subsistema, do qual o beneficiário é titular. ➤

INFORMAÇÃO

DESPESAS DE SAÚDE SUPORTADAS PELOS BENEFICIÁRIOS NO ANO DE 2008 REFERENTE A MEDICAMENTOS.

A partir do ano de 2008, devem os beneficiários guardar os recibos referentes a medicamentos e produtos adquiridos nas farmácias, para efeitos de elaboração da declaração de IRS.

Os SAMS/Centro deixam assim de incluir tais valores na declaração anual a emitir no ano de 2009 e referentes a despesas ocorridas em 2008, bem como nos anos seguintes. ➤



FESTA DE NATAL

FESTAS DE NATAL DOS TRABALHADORES DO SBC

Cumprindo a tradição realizou-se, no passado mês de Dezembro, a já tradicional Festa de Natal, dedicada aos filhos, colaboradores do SBC e familiares, que contou com a presença de vários elementos dos Corpos Gerentes.

Após a habitual distribuição de prendas e guloseimas pelos mais pequenos, foi servido um jantar que decorreu em ameno convívio entre os presentes.

Teve lugar ainda alguma animação, com a participação de “arrojados artistas”, que abrilhantaram o serão em animada sessão de karaoke.

Também se realizaram por iniciativa do Conselho de Gerência dos SAMS jantares de convívio com os trabalhadores e prestadores de serviços dos postos clínicos das Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Guarda, Leiria e Viseu. ➤



IX TORNEIO NACIONAL DE FUTSAL PARA VETERANOS "OS EDUCADORES DO XUTO" DA GUARDA/SBC CAMPEÕES NACIONAIS

A Direcção do SBC, através do Departamento de Tempos Livres e em colaboração com os Secretariados das Secções Regionais, levou a efeito, mais uma vez, o Torneio acima referido.

Concorreram as três equipas apuradas por Coimbra, Leiria e Guarda.

Houve eliminatórias na cidade de Viriato no dia 5 e no dia 12 de Janeiro disputadas entre "Os Imbatíveis" de Leiria, o "C.C.A.M." de Coimbra, e "Os Educadores do Xuto" da Guarda, tendo sido apurados estes últimos.

Após os encontros, houve almoço, distribuição de prémios e um agradável convívio.

A Final Nacional deste IX Torneio Nacional realizou-se na cidade da Régua, área do SBN, nos dias 25, 26 e 27 de Janeiro.

Após a recepção e sorteio no Hotel Régua Douro, a fase final da prova começou Sábado, no Pavilhão Municipal do Peso da Régua.

Os "Educadores do Xuto" estrearam-se a vencer por 5-2 o "Agriteam Vet" de Ponta Delgada/SBSI através da marcação de grandes penalidades, no final de um encontro empatado a 3 bolas.

Na segunda partida, entre os "Tigres" de Lisboa/SBSI e o "Club

Millennium BCP Vintage" do Porto/SBN, a equipa alfacinha levou a melhor por 3-2.

Domingo, defrontaram-se, para o determinação dos terceiros classificados o "Agriteam Vet" e o "Club Millennium BCP Vintage", com a vitória destes últimos, disputando-se depois a final entre as equipas representativas do SBC, "Os Educadores do Xuto" da cidade da Guarda e os "Tigres", equipa representante do SBSI, da cidade de Lisboa.

Os nossos representantes, ou seja, a equipa da cidade da Guarda levou a melhor por 5-4, resultado também obtido por grandes penalidades, após empate a 2 bolas durante o tempo regulamentar.

No decurso do almoço de encerramento houve distribuição de prémios, com uma intervenção do vice-presidente do SBN, Dr. Pereira Gomes que, em nome dos três sindicatos, felicitou os participantes e todas as entidades que contribuíram para a organização deste evento.

Para a posteridade, deixamos o nome dos jogadores da equipa da Guarda: José Cariano (cap.), Fernando Melo (g.r.), Vítor Rodrigues, Alfeu Nascimento, José Arrifano, Casimiro Sousa, Joaquim Alexandre, Luís Morgado, João Dinis, António Barroso, António Elias, Carlos Pacheco e ainda do treinador António Manuel Pereira e do delegado António José Santos. 🏆



PRÓXIMAS ACTIVIDADES DESPORTIVAS

XXXII TORNEIO NACIONAL DE FUTSAL - 2008

Vai realizar-se na cidade de Viseu, área do Sindicato dos Bancários do Centro, nos dias 6, 7 e 8 de Junho próximo, disputando-se os jogos no Pavilhão do INATEL, podendo as equipas ser constituídas até 29 de Fevereiro de 2008.

Cada Secção Regional é responsável pelo apuramento de uma equipa até 21 de Abril de 2008.

O torneio realizar-se-á nos dias 10 e 17 de Maio do corrente ano. 🏆



XXV TORNEIO NACIONAL DE TÊNIS

Modalidade cada vez mais enraizada entre os bancários, coube este ano ao SBC, mantendo o habitual esquema da rotatividade, a responsabilidade em receber os 40 finalistas, distribuídos por seniores, senhoras, veteranos (mais de 45, 55 e 60 anos) e pares.

Além dos jogos em si, foi como de resto tem acontecido em todas as actividades organizadas pelos Departamentos de Tempos Livres dos três Sindicatos, um pretexto para o tradicional convívio e sã camaradagem.

O torneio começou com as finais regionais, que se realizaram no dia 19 de Janeiro, com a participação dos Seniores, Filipe Miguel Jacinto Rebelo, BES- Caldas da Rainha, que venceu por 6-1 e 6-0 João Luis Santos Silva, Santander-Batalha e Paulo Jorge Paiva Araújo, BPN-Vimieiro, que também venceu ambos os sets a Paulo José Matos Falcão, BPI-Coimbra, por 6-0 e 6-1.

Em 26 de Janeiro disputou-se o jogo de Veteranos (+ de 60 anos), tendo Vitor Sampaio, Millennium bcp-Viseu, vencido Eduardo Ascenso, BPI-Leiria por 6-1 e 6-2.

Ficaram assim, apurados para a fase final, em Séniores, Filipe Miguel Jacinto Rebelo e Paulo

Jorge Paiva Araújo, em Veteranos (+ de 60 anos) Vitor Sampaio/Eduardo Ascenso

e em Senhoras Maria José Rosa Justo Inácio, Santander-Batalha, apurada automaticamente, por falta de concorrente.

A Final Nacional decorreu em Leiria nos dias 3, 4 e 5 de Fevereiro, pautando-se os jogos pela maior correcção e desportivismo, apanágio, aliás, de todas as provas realizadas pelos Sindicatos verticais nas mais diversas modalidades.

Mas, afinal tem que haver um campeão nacional, embora todos tenham saído vencedores pelo apego e desportivismo que colocaram nos jogos realizados.

Assim, para que fique para a posteridade, damos conta das classificações obtidas nos diversos escalões.

• **Seniores:** campeão, João Miguel Marques, do SBSI; vice-campeão, Fernando Almeida, do SBN. Os representantes do SBC, Filipe Rebelo e Paulo Araújo, ficaram classificados respectivamente nos 3º e 5º lugares.

• **Senhoras:** campeã, Ana Catarina Silva, do SBSI; vice-campeã, Maria Isabel Costa, do SBSI. A representante do SBC, Maria José Inácio ficou em 3º lugar.

• **Pares-homens:** campeões, Paulo Araújo e Filipe Rebelo, do SBC; vice-campeões, Mario Videira e João Miguel Marques, do SBSI.

• **Pares-senhoras:** campeãs, Ana Catarina/ Isabel Costa, do SBSI, vice-campeãs, Arlete Costa-SBN/Mª José Inácio/SBC.

• **Veteranos mais de 45 anos:** campeão, Guedes da Costa, do SBN; vice-campeão, Manuel Albino, do SBN.

• **Veteranos mais de 55 anos:** campeão, José Manuel Frazão, do SBSI; vice-campeão, José Bessa, do SBN.

• **Veteranos mais de 60 anos:** campeão, Marques de Almeida, do SBN; vice-campeão, Eusébio Alves, do SBSI. O representante do SBC, Vitor Sampaio ficou em 5º lugar.

Esquecidas as peripécias dos jogos, deu-se início à respectiva distribuição de prémios e ao tradicional almoço de convívio.

Ao Sindicato dos Bancários do Centro, como primeiro responsável pela organização, coube o discurso de encerramento, tendo Francisco Carapinha, coordenador do Departamento de Tempos Livres, em representação dos três Sindicatos, dado os parabéns a todos os concorrentes, agradecido a presença dos colegas e familiares, a hospitalidade do hotel e a gentileza dos gestores do Clube de Ténis de Leiria, procedendo-se, assim ao encerramento oficial do XXV torneio. 🏆



A OUTRA FACE

A partir deste número vamos procurar trazer às páginas desta **REVISTA DE INFORMAÇÃO** aspectos diversificados da vida de Colegas, fora do âmbito bancário.

“A Outra Face”, será assim a forma de divulgar e dar a

conhecer o trajecto, a obra e o caminho de tantos - e foram muitos - os que complementaram a sua realização pessoal e profissional para além da Banca. 🌀

A.Castelo Branco



PAULINO MOTA TAVARES

Nasceu na Nazaré em 1938. Foi funcionário do Banco de Portugal de 1962 a 1993.

Formou-se em História Económica e Social pela Universidade de Coimbra, tendo apresentado como tese de licenciatura em 1986 um trabalho de investigação subordinado ao tema “Alguns aspectos do Crédito Privado em Coimbra no século XVII – 1640-1680” de que foi arguente o Prof. Doutor António de Oliveira.

A sua formação humanista, projectou-o em paralelo enquanto bancário, para a área do ensino e da investigação.

Ali ensinou sociologia e filosofia, para além de grego e latim. Aqui, debruçou-se exaustivamente sobre a temática Inesiana, de que é tido como o seu mais profundo conhecedor.

Tem inúmeros trabalhos publicados e intervencionados em jornais e revistas, nomeadamente no **Diário de Notícias**, **Beiras**, **Trevim**, **Independente de Cantanhede**, **Diário de Coimbra**, **Munda** e **Revista História**.

Tem participado em múltiplos programas de índole cultural na rádio e na televisão, no campo da saúde e da gastronomia.

São da sua autoria as seguintes obras: **“Visibilidade Histórica da Mulher em Terras de Montemor-o-Velho”**, galardoado com o Prémio Literário Afonso Duarte; **“Mesa, Doces e Amores no Séc. XVII Português”**; **“Almeida Garret – Viagens na Cozinha Portuguesa”**; **“Doces e Manjares do Séc. XIX – O Livro do Padre Brito”**; **“Quinta das Lágrimas – Cenário dos Amores de Pedro e Inês – História Requentes e Sabores”** (co-autor com Maria Leonor Cavalheiro); **“Descoberta e Invenção do Brasil – O Amargo e o Doce”**; **“Coimbra e a Arte no Séc. XVII”**; **“A Taberna – Espaço Gastronomia e Sociabilidade”**; **“À Procura de Inês de Castro”**; **“Teatro e Representação no Séc. XVII”**; **“Pão, Rosas e Amor – Até ao Fim do Mundo”**; **“Frutos e Venenos – Poesia”** (com ilustrações de Pinho Dinis);

Paulino Mota Tavares é membro, fundador e associado de vários organismos, associações e grupos de intervenção cultural, donde se destaca a **Fundação Inês de Castro**, o **Centro de Estudos Carlos de Oliveira**, o **Centro de Estudos Inesianos**, **Guardiães da Sé Velha** e a **Lata – Liga dos Amigos das Tabernas Antigas**. 🌀

A. Castelo Branco

PÔR-DO-SOL

Poente de fogo
 companheiro de tanta gente
 exaltação sobre a hora difusa
 incontida
 onde fantástico se anuncia ainda
 o cântico do pão.
 Estamos sós
 na esquina da pedra e da palavra
 ondulante
 em que se espanta e declina
 a vontade mais útil e constante
 de surpreender e olhar
 o rosa divina do sol
 que rosa penteia a terra
 que rosa incendeia o mar.
 É a hora.

Tudo vai ser nada e ser abraço.
 E os astros contentes e serenos
 são chama que lavra no espaço
 a noite com seus frutos e venenos.

Motavares
 2003

CULTURA NA CIDADE

O “JARDIM DA ÁGUA” NAS CALDAS DA RAINHA E A OBRA ARTÍSTICA DE FERREIRA DA SILVA

Costa Brites

<http://www.costa-brites.com/>

Quem primeiro me falou, já há alguns anos, acerca do artista Ferreira da Silva, foram os profissionais de azulejaria da região de Alcobça, Porto de Mós e Caldas da Rainha. Trata-se de uma figura por todos conhecida, rodeando o seu nome uma aura de elevado respeito e consideração pela sua obra.

Um dia, o meu amigo Alcino Vala, do Juncal de Porto de Mós, que exerce o mesmo ofício que os azulejadores de fins do sec. XVIII que ali produziram, entre muitos outros, os painéis de azulejos que estão na sala dos Reis no Mosteiro de Alcobça, levou-me propositadamente até ao Hotel da Quinta do Pinheiro, no Valado dos Frades, onde há um significativo conjunto de trabalhos de autoria de Ferreira da Silva, aos quais novas encomendas se vieram juntar recentemente, numa louvável atitude de enriquecimento patrimonial daquela instituição.

Tive mais tarde a ocasião de publicar no Diário de Coimbra um comentário detalhado a respeito do notável conjunto de painéis seus que se encontram no IPO em Coimbra, quer à entrada, quer no seu interior.

Fora entretanto às Caldas da Rainha, para me encontrar com o Mestre, o que me deu a grata oportunidade de conhecer, além de outras intervenções suas de valiosa importância, o empreendimento público que ali desenvolve, com arrastadas intermitências, por iniciativa do Centro Hospitalar da cidade e que tem a designação de “Jardim da Água”.

É muito ingrato para mim falar num espaço tão reduzido a respeito do labor deste notabilíssimo artista detentor, além do mais, de uma personalidade forte e distanciada de toda a trivialidade, do exibicionismo fácil e da reverência conveniente.

O artista Ferreira da Silva é conhecido por um grande número de intelectuais e artistas do grande mundo, com os quais ombreou em talento e representação cultural. A personalidade que o caracteriza, contudo, fez dele um homem enraizado no labor oficial que

sempre tem desenvolvido com a maior eficácia criativa e infatigável persistência experimental. Detentor de uma cultura universalista, ecológica e poética, de grande independência, aprecia os espaços livres, o mundo das origens, os princípios e a liberdade inicial em clima que gosta de designar como “saudade do arqueo-sítio”.

São numerosas as obras que foi produzindo no domínio das artes do fogo, estando espalhadas pelo mundo uma grande quantidade delas, na posse de notáveis colecionadores.

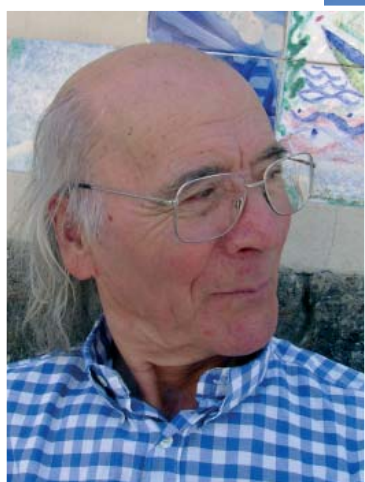
O Jardim da Água é um espaço cénico e um percurso pedonal que tira partido de um conjunto de materiais pré-existentes e de estruturas de encaminhamento de águas termais, aos quais se acrescentam multifacetados recursos de originalidade e um sentimento criativo sem peias.

É uma obra dominada por um empolgante sentimento de utopia, destinada a fornecer um permanente espectáculo de águas rumorejantes, circulando através de planos diversificados, animado dos mais diversos efeitos de cor e luz.

A estrutura geral de suporte associa à solidez do betão uma libérrima multiplicidade de planos com intenso dinamismo escultórico, sobre os quais a cerâmica, o vidro, o ferro e outros materiais ganham significados novos, amplificantes do seu usual valor.

Faço os mais sinceros votos para que as contradições que se adivinham por detrás da hesitante marcha dos acontecimentos não demorem a conclusão de uma iniciativa sem qualquer paralelo em meio urbano e de invulgar expressão estética, que tanto tem a ver com o legado histórico e cultural da cidade em que se encontra. 🌿

NOTA: Os temas artísticos usados ao longo de toda esta **REVISTA DE INFORMAÇÃO** são captações ou adaptações de obras da autoria de Mestre Ferreira da Silva.



LOJAS DE ÓPTICA ABERTAS AO PÚBLICO



A LINHA CLÁSSICA E O GOSTO CONTEMPORÂNEO SERVIDOS PELAS MELHORES INOVAÇÕES TÉCNICAS
ÓCULOS DE SOL E LENTES PROGRESSIVAS- ABUNDÂNCIA DE MODELOS

PARA SENHORAS

LINHA RECTANGULAR 2008 EM METAL OU MASSAS COLORIDAS, HASTES
TRABALHADAS, BRILHOS E PEDRAS, LENTES “DÉGRADÉS” PARA VISÃO AO SOL

PARA HOMENS

MODELOS SÓBRIOS DE VÁRIOS MATERIAIS

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO E PROMOÇÕES

AS LOJAS DE ÓPTICA DO SBC/SAMS DE:

COIMBRA • GUARDA • LEIRIA • CALDAS DA RAINHA • VISEU • FIGUEIRA DA FOZ

REPRESENTAM AS MAIS CONCEITUADAS MARCAS DE ÓCULOS E LENTES A PREÇOS REDUZIDOS

ENCONTRAM-SE ABERTAS A BENEFICIÁRIOS, UTENTES E PÚBLICO EM GERAL

ABERTURA DE LOJA ÓPTICA NAS CALDAS DA RAÍNHA



RUA DA CARIDADE, 17 – 1º DTO,
500-141 CALDAS DA RAINHA

POSTO CLÍNICO:
TEL.: 262840020
FAX: 262840029